

Revista de Informação Legislativa

Brasília • ano 33 • nº 131

julho/setembro – 1996

Editor:

João Batista Soares de Sousa, Diretor

Diário da criança e do adolescente

A infância e a juventude nos jornais de Brasília entre agosto e novembro do ano de 1995

ROSSINI CORRÊA

*Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas...*

Vinícius de Moraes

SUMÁRIO

1. Introdução. 2. O quadro teórico mínimo. 3. As notícias, mês a mês. 3.1. Agosto. 3.2. Setembro. 3.3. Outubro. 3.4. Novembro. 4. A leitura analítica. 5. Conclusão.

1. Introdução

A palavra escrita, que para alguns está em crise, permanece cercada de magia e de crença. Para muitos, por estar impressa, a sentença só pode ser a expressão da verdade. Dos vocábulos aos juízos, uma certa aura sagrada envolve tudo quanto adquire letra de forma.

Eis a razão de o jornal ser um veículo de comunicação dos mais sutis. Um periódico é a palavra impressa servida pela imagem fotográfica. Contra o jornal não tem sentido o adágio dos antigos – palavras, leva-as o vento... A palavra impressa fica, permanece, e a fotografia que a acompanha serve como que de testemunha da versão que passou a vestir, quase que para sempre, o fato.

De mais a mais, um periódico é uma fábrica – com suas tendências e contracorrentes, com os seus conflitos ideológicos e com os seus embates em torno da liberdade de imprensa e da liberdade de empresa – da verdade, a qual muitas vezes é, para leigos, letrados e semi-letrados, o que sai, o que deu no jornal.

José Rossini Campos Corrêa é Advogado, Sociólogo e Cientista Político. Professor de Introdução ao Direito e Filosofia do Direito.

Nisso reside a gravidade da notícia e a responsabilidade que a circunda; moral e social; ética. Aos livros, em países como o Brasil, poucos têm acesso. Os tratados, bem, quanto a estes, escassos são os que os enfrentam e possuem o costume de lê-los. Com as folhas, entretanto, é diferente. Elas, que aparentam não exigir muitas luzes, podem ser vistas e lidas. São o retrato recriado do concreto, do prosaico e do cotidiano. Ensejam debates no ônibus, na farmácia, na barbearia, no bar da esquina e no recesso do lar. Versão dos fatos, os jornais penetram nos mais diferentes segmentos sociais, justificando, portanto, estudá-los.

Este é o propósito do presente trabalho, cujo objeto é a análise crítica das notícias sobre a criança e o adolescente publicadas nos jornais do Distrito Federal no período de agosto a novembro do ano de 1995. Por jornais da Capital Federal são compreendidos o *Correio Braziliense* e o *Jornal de Brasília*.

A amostragem colhida não pretende ser exaustiva e esgotante. Simplesmente foi a possível e, enquanto tal, apenas reclama para si a condição de necessária para que determinadas versões, certos ou incertos conteúdos e algumas tendências, quer de simpatia (compreensão e solidariedade), quer de antipatia (idiossincrasia e preconceito), sejam esboçados e elucidados relativamente à criança e ao adolescente em Brasília.

2. O quadro teórico mínimo

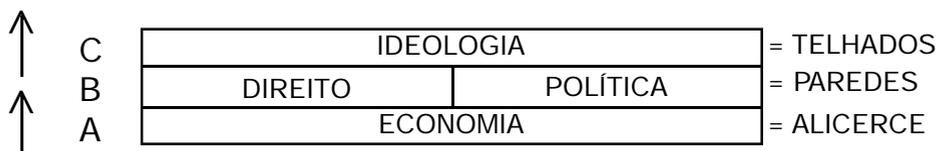
Pelo menos desde o mundo medieval, com os famosos juízos de autoridade, que o monopólio da verdade conquistou, em definitivo, cidadania, tornando-se um poderoso instrumento de controle social.

Bem mais tarde, com o advento do Século das Luzes, nascido como subsequência do Humanismo e da Reforma, uma crença foi estabelecida: a de que a opinião governaria o mundo.

A questão em pauta era a seguinte: a opinião, facultada pelo livre exercício da razão e multiplicada democraticamente pela prensa de Gutemberg, elucidaria a vida e organizaria, de maneira geométrica, o mundo, sobrepujando, com o sol do Iluminismo, as supostas trevas dos juízos de autoridade.

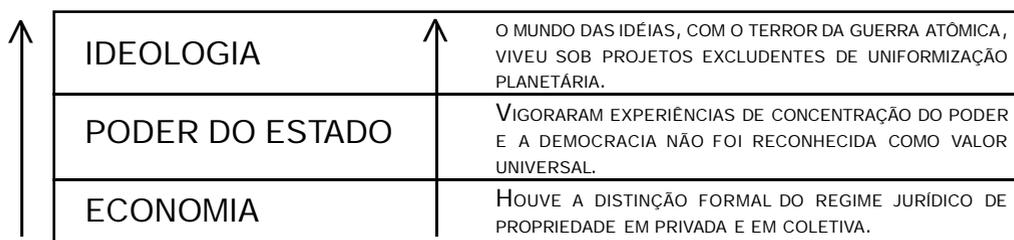
Daí decorreram, entretanto, numerosas vigências de discursos oficiais que, em grande medida, foram reconstrutores dos juízos de autoridade e do monopólio da verdade, em virtude da tendência concentracionária da sociedade moderna.

Acima das fronteiras ideológicas cristalizadas em torno do embate do capitalismo com o socialismo, nas décadas precedentes à queda do Muro de Berlim, pode-se exprimir a estrutura das sociedades modernas, urbanas e industriais, com a seguinte metáfora do edifício:



O comportamento dos blocos mundiais do passado em confronto quanto às três instâncias básicas da sociedade, ou seja, a material (economia), a do poder do Estado (direito e

política) e a da visão de mundo (ideologia), pode ser retratado, relativamente ao pluralismo, à participação e à diferenciação das experiências, sob a seguinte forma:



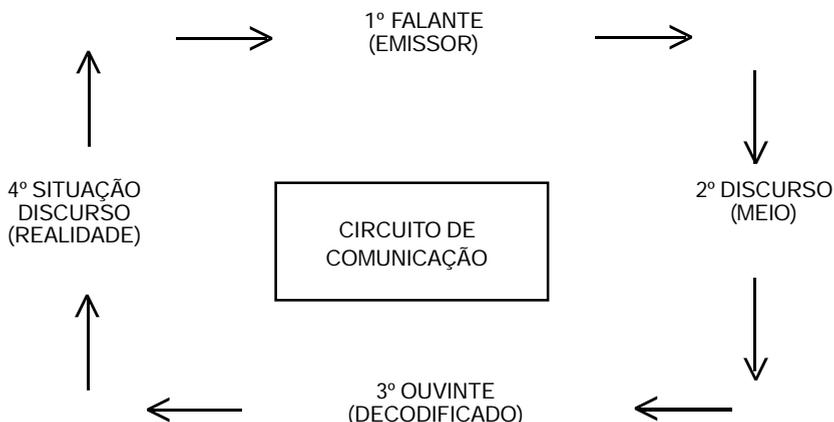
Imagine-se agora a situação dos meios de comunicação, ora a serviço, ora pressionados pelos conflitos econômicos, jurídico-políticos e ideológicos, em uma realidade envolvente cujo traço característico não é a

existência desenvolvida e, mais ainda, prevacente, da consciência crítica. Recordem-se, a propósito, as quatro casas do quadro explicativo da ideologia, segundo Raymond Boudon:

TIPOS DE DEFINIÇÃO DE IDEOLOGIA	TIPOS DE DEFINIÇÃO DE IDEOLOGIA	
	EXPLICAÇÃO IRRACIONAL	EXPLICAÇÃO RACIONAL
DEFINIÇÃO TRADICIONAL (EM RELAÇÃO AO CRITÉRIO DO VERDADEIRO E DO FALSO)	1 O DISTÚRBO DE VISÃO PROVOCADO PELOS INTERESSES DE CLASSE (MARX). A ADEÇÃO ÀS IDÉIAS FALSAS POR FANATISMO (ARON, SHILS).	2 O FETICHISMO DAS MERCADORIAS, A IDEOLOGIA MERCANTILISTA (MARX). A MAGIA (MAX WEBER).
DEFINIÇÃO MODERNA (SEM REFERÊNCIA AO CRITÉRIO DO VERDADEIRO E DO FALSO)	3 O RESPEITO PELA BANDEIRA (DURKHEIM). A ADMIRAÇÃO PELO CHEFE CARISMÁTICO (MAX WEBER)	4 OS DEUSES ROMANOS, O CULTO DE MITRA (MAX WEBER). O RESPEITO DO ARISTOCRATA PELA MONARQUIA ABSOLUTA (MARX). O EMPRÉSTIMO COM JUROS (MANNHEIM). A LEI TAFT-HARTLEY (GEERTZ.)

Pondere-se, em seguida, que, neste mundo de emissores (mínimos) e receptores (máximos) de discursos, o fenômeno ideológico é um campo de força presente nos dois pólos da comunicação, isto é, o que emite e o que recebe a mensagem, a qual, em seu trânsito, pode perpassar, tornando-as intercomunicantes, todas as quatro casas, de tal maneira que, sem respeito à presente ordem, possa ser, sucessivamente, distúrbio de visão, crença mágica, respeito referencial e instrumento de compreensão.

Considere-se, enfim, que o instrumento por excelência da mensagem é a linguagem, objetivada, quando escrita, por um discurso lingüístico que não é, de forma necessária, claro e translúcido, reclamando sempre uma interpretação e podendo receber infinitas leituras e releituras. A frase da língua e a frase do discurso divergem, exigindo a língua escrita – do jornal ao livro – a leitura recriadora, em circuito de comunicação configurado por Mattoso Câmara da seguinte maneira:



Vê-se, pelo exposto, a alta voltagem contida na cadeia interativa da comunicação, bem como o infinito campo de força ideológica que a simples leitura de um jornal, em si mesma, contém, por tudo aquilo que a palavra auxiliada pela imagem esconde, entremostra e/ou revela, com todos os comos, os porquês, os para quês e os para quem exigentes de decifração e de resposta.

3. As notícias, mês a mês

Visando decodificar as notícias sobre criança e adolescente no Distrito Federal, no período já mencionado, nos periódicos *Correio Braziliense* e *Jornal de Brasília*, a opção metodológica sistemática encontrada foi a da construção de um quadro homogêneo para os quatro meses em estudo, contendo dez categorias, nove fechadas e uma aberta, um tipo descritivo da manifestação precedente, a quantidade de vezes que a ocorrência foi repetida, a localidade onde o fenômeno foi manifestado, e se, em relação à versão veiculada, houve uma visão positiva ou uma visão negativa. Levantados, apurados, criticados, distribuídos e catalogados os dados, os resultados apresentaram o seguinte comportamento, considerando ainda o seu expurgo e a notação com a qual serão apresentados – Distrito Federal (DF), Brasil (BRZ), Plano Piloto (PPI), Gama (GAM), Sobradinho (SBD), Estrutural (EST), Planaltina (PNT), Ceilândia (CLD), Entorno (ENT), Brasília (BSH), Taguatinga (TGT), Samambaia (SMB), Núcleo Bandeirante (NBA), São Sebastião (SSE), Brazlândia (BZL), Lago Sul (LSU) e Paranoá (PAR):

(vide tabelas 3.1 a 3.4)

4. A leitura analítica

A primeira questão a ser ventilada não é referente ao que foi veiculado, mas sim ao que deixou de sê-lo. Reinou o silêncio quase absoluto no noticiário, entre agosto e novembro do ano de 1995, quanto ao dramático problema da prostituição infantil, cujos espaços na imprensa brasileira cresceram depois que uma rede nacional de televisão produziu e divulgou uma angustiante matéria a respeito, sem que daí decorresse nenhuma providência mais substantiva de superação do cenário em pauta. A Polícia Militar delega, em nome da lei, a competência do flagrante à Polícia

Civil, enquanto os agenciadores e os seus consumidores, livres, permanecem explorando, desencaminhando e contaminando crianças e adolescentes, as quais, precocemente envelhecidas, amanhã serão adotadas pelo tráfico de drogas, em trânsito acusado por confiáveis documentos e relatórios.

Em uma visão de conjunto, pode-se observar que, em agosto, foram coletadas 14 notícias, 5 com visão positiva e 9 com visão negativa, a primeira atingindo a 55.5% da segunda; em setembro, foram levantadas 27 notícias, 10 com visão positiva e 17 com visão negativa, a primeira alcançando a 58.8% da segunda; em outubro, foram catalogadas 17 notícias, 5 com visão positiva e 12 com visão negativa, a primeira somando 41.6% da segunda; e, em novembro, foram arroladas 11 notícias, 6 com visão positiva e, pela primeira vez a menor, 5 com visão negativa, a segunda chegando a 83.3% da primeira. No total dos quatro meses em estudos, foram divulgadas, ou pelo menos consideradas, 69 notícias, 26 com visão positiva e 43 com visão negativa, a primeira importando em 60.4% da segunda. Em síntese, o volume registrado, no conjunto, foi de 39.6% a mais de notícias com visão negativa sobre os problemas da criança e do adolescente, em todos os níveis de sua manifestação.

Mês a mês, a diferença em favor da visão negativa, preponderante na razão de 3 para 1, quando contraposta à visão positiva, foi a seguinte: em agosto, 44.5%; em setembro, 58.4%. O único mês em que a visão positiva foi vantajosa em relação à visão negativa, a diferença entre ambas foi apenas de 16.7%, significativamente menor do que as diferenças de agosto (27.8%), setembro (24.5%) e outubro (41.7%), as quais apresentam estes valores quando subtraídos delas o saldo, restante em novembro. De mais a mais, há uma visível tendência de construção das notícias do centro para a periferia, com a lógica do centro. Desta maneira, um estupro na Ceilândia e um assassinato na Samambaia normalmente descem a um extraordinário nível de precisão e de detalhamento, expondo ou dando ampla visibilidade ao autor assim como à vítima, familiares, testemunhas e, o que não pode deixar de ser mencionado, à localidade. Este cenário, sempre que possível, é fotografado, sem que ocupe as páginas havidas como nobres dos jornais.

O tratamento parece ser mais difuso quando os acontecimentos mencionados são centrais.

3.1. AGOSTO

CATEGORIA	TIPO	QUANTIDADE	LOCALIDADE	VISÃO POSITIVA	VISÃO NEGATIVA
VIOLÊNCIA	ASSASSINATO	1	EST		+
ABUSO SEXUAL	ESTUPRO	2	PNT, CLD		++
TURISMO SEXUAL					
PROSTITUIÇÃO INFANTIL					
TRABALHO INFANTIL	PREOCUPAÇÃO DA 1ª DAMA	1	BRZ,		+
POLÍTICAS PÚBLICAS	ATENDIMENTO, PROTEÇÃO, SEGURANÇA	6	ENT, PAR, SMB, BSH, DF	++++	++
ATIVIDADES CULTURAIS	CAPOEIRA	1	PNT	+	
CONQUISTA DE DIREITOS					
CRIANÇA E FAMÍLIA	FALTA DE TETO E RENDA	1	DF		+
OUTRAS	ABANDONO DE BEM PÚBLICO, AGRESSÃO A BEM PÚBLICO	2	TGT, PPI		++

3.2. SETEMBRO

CATEGORIA	TIPO	QUANTIDADE	LOCALIDADE	VISÃO POSITIVA	VISÃO NEGATIVA
VIOLÊNCIA	ASSALTO, ASSASSINATO, ESTRATÉGIAS DE COMBATE	7	SMB, CLD, DF, BRZ	++	+++++
ABUSO SEXUAL					
TURISMO SEXUAL	A IMAGEM DO BRASIL NO MUNDO	2	DF		++
PROSTITUIÇÃO INFANTIL					
TRABALHO INFANTIL	PREOCUPAÇÃO NACIONAL GUIAS TURÍSTICOS	3	DF	++	+
POLÍTICAS PÚBLICAS	ATENDIMENTO, NEGLIGÊNCIA, MORTALIDADE, SEGURANÇA	8	NBA, SSE, DF, BRZ	+++	+++++
ATIVIDADES CULTURAIS	VISITA AO TEATRO NACIONAL	1	SSE	+	
CONQUISTA DE DIREITOS	GARANTIA PARA O ECA	3	BRZ	+++	
CRIANÇA E FAMÍLIA	ACIDENTE COM MENOR	1	CLD		+
OUTRAS	AÇÃO DOS SEM TERRA, ERRO NA FALA PRESIDENCIAL, AGRESSÃO A BEM PÚBLICO	3	BZL, CLD, BRZ		

3.3. OUTUBRO

CATEGORIA	TIPO	QUANTIDADE	LOCALIDADE	VISÃO POSITIVA	VISÃO NEGATIVA
VIOLÊNCIA	ASSASSINATO, TENTATIVA DE HOMICÍDIO	7	PNT, TGT, SBD, SMB, DF		++++++
ABUSO SEXUAL	VÍTIMA DE ASSALTANTE	1	SBD		+
TURISMO SEXUAL					+
PROSTITUIÇÃO INFANTIL	CONSEQÜÊNCIA DA MISÉRIA	1	DF		+
TRABALHO INFANTIL					
POLÍTICAS PÚBLICAS	ATENDIMENTO, SEGURANÇA, PROCON	4	TGT, CLD, DF	++	++
ATIVIDADES CULTURAIS					
CONQUISTA DE DIREITOS	PRESENÇA DAS MÃES NO HOSPITAL	1	DF	+	
CRIANÇA E FAMÍLIA	ABANDONO PELA MÃE	1	ENT		+
OUTRAS	VOLUNTARIADO	2	GAM, PPI	++	

3.4. NOVEMBRO

CATEGORIA	TIPO	QUANTIDADE	LOCALIDADE	VISÃO POSITIVA	VISÃO NEGATIVA
VIOLÊNCIA	SUICÍDIO, ROUBO, ACIDENTE, ASSASSINATO	4	TGT, CLD, LSU		
ABUSO SEXUAL					
TURISMO SEXUAL					
PROSTITUIÇÃO INFANTIL					
TRABALHO INFANTIL	PROFISSIONALIZAÇÃO PELA PPL/DDF	1	DF		+
POLÍTICAS PÚBLICAS	BOLSA-ESCOLA, CIRURGIA ESPECIAL	2	DF, CLD		++
ATIVIDADES CULTURAIS	MEMÓRIA PRODIGIOSA, VISITA A FEIRAS DO LIVRO E DA CIÊNCIA	2	DF		++
CONQUISTA DE DIREITOS					
CRIANÇA E FAMÍLIA	ABANDONO PELA MÃE	1	CLD		
OUTRAS	VOLUNTARIADO SOCIAL	1	DF		+

Os grupos juvenis de classe média, quando agredem bens públicos e são flagrados, não costumam, salvo se inevitável, ser expostos e fotografados com o nível de detalhamento e de precisão semelhante ao recebido pelas populações que não são do Plano Piloto. É, sem lugar à dúvida, a lógica bipolar e maniqueísta – a do “nós” contra “eles” – que resulta, de maneira subliminar, reforçada, na medida em que vende a idéia de que (todas) as atitudes anti-sociais vêm de fora, deles, os mais pobres, periféricos, marginalizados e embrutecidos. Daí o volume de menções às cidades satélites e aos assentamentos subnormais, como eram denominados no passado recente.

Ceilândia recebeu mais menções no item violência do que na categoria políticas públicas e constitui a segunda localidade, com 8 referências, perdendo só para as remissões difusas ao Distrito Federal, com 14 alusões, nenhuma delas, entretanto, no item violência. As políticas públicas receberam 21 menções, 11 com a visão positiva e 9 com a visão negativa, ao passo que a violência mereceu 19 referências, 2 na visão positiva e 17 na visão negativa. Eis a diferença da situação captada nas categorias em confronto e como a carga energética da mensagem, com o difuso ou com o preciso, constrói a imagem de cada localidade.

LOCALIDADE	QUANTIDADE
BSB	14
BRZ	5
PPI	2
GAM	1
SBD	2
EST	1
PNT	3
CLD	8
ENT	2
SMB	3
NBA	1
LSU	1
PAR	1
BSH	1
TGT	4
SSE	2
BZL	1
TOTAL	52

A Estrutural e o Lago Sul empataram em menções, de 1 a 1, ambas no item violência. Só que na Estrutural houve um assassinato, e a matéria, que logo explicou não ser o primeiro homicídio de criança ali ocorrido, mereceu esta chamada: *Corpo de criança é achado no lixo da Estrutural*. São nexos frasais associados: *Morte, Lixão e Estrutural*. Já no Lago Sul houve um suicídio, o qual, em clima de consternação, recebeu distinta chamada: *Estudante se suicida no Lago Sul*. O pai da jovem declarou: “Essa geração está exposta à banalização da violência pela mídia”. São nexos frasais associados: *Mídia, Violência, Geração*. E o ato perdeu todo e qualquer componente individual, pois a geração é que representa o agente passivo da vitimização.

É esta a lógica poderosa que necessita ser enfrentada.

Todo o Distrito Federal é violento, a despeito dos indicadores evidenciarem quais as localidades onde os graus superiores de manifestação do fenômeno são registrados. Para o ano de 1995, o Instituto de Medicina Legal trabalhou com o referencial estatístico básico da existência de 1.760 pessoas sacrificadas pela violência, por meio de homicídios, acidentes de trânsito, outros acidentes e de suicídios, concluindo que, para cada 100 mil habitantes, 38,5 perecem vítimas de assassinato.

Eis o quadro:

NÚMEROS DA VIOLÊNCIA	
HOMICÍDIOS	655
ACIDENTES DE TRÂNSITO	728
OUTROS ACIDENTES	283
SUICÍDIOS	94
TOTAL	1.760
ENTORNO	
HOMICÍDIOS	114
ACIDENTES DE TRÂNSITO	97
TOTAL	211

Fonte: JBR, 14.03.1996. p. 09

Do total de vítimas (1.760 pessoas), 37% o foram de homicídios, 41% de acidentes de trânsito, 16,7 de outros acidentes e 5,3% de suicídios. Agrupados por similitude, homicídios e suicídios perfazem 42,3% e acidentes de trânsito e outros acidentes totalizam 57,7%. No Entorno, o que é um aspecto relevante, os homicídios, 114, preponderam sobre os acidentes de trânsito, 97, somando 211 sinistros. Quanto à dispersão dos 655 eventos fúnebres resultantes de homicídios, foi a seguinte a sua distribuição:

HOMICÍDIOS EM BRASÍLIA	
ASA SUL	51
ASA NORTE	28
CRUZEIRO	24
GUARÁ	11
LAGO NORTE	4
LAGO SUL E PARANOÁ	43
NÚCLEO BANDEIRANTE	14
TAGUATINGA	67
SOBRADINHO	33
GAMA	117
CEILÂNDIA	144
PLANALTINA	54
SAMAMBAIA	41

Fonte: JBR, 14.03.1996. p. 09

O total de episódios é de 631, restando uma diferença sem explicação, relativa aos números do Instituto de Medicina Legal, de 24 homicídios. Persistindo, entretanto, no raciocínio de que 655 foram os homicídios, a Ceilândia, sozinha, respondeu por 21,9% dos assassinatos, merecendo esta manchete: *Ceilândia é a cidade mais violenta do DF*. Registre-se que a Asa Sul e a Asa Norte estão apresentadas em separado, minimizando o volume da violência no Plano Piloto, cujo total, 79 crimes de morte, é superior aos 67 homicídios de Taguatinga, aos 54 de Planaltina, aos 41 de Samambaia, aos 33 de Sobradinho, aos 24 do Cruzeiro etc.

A estratégia da notícia coloca auréolas nos Lagos Sul e Norte, uma vez minimizada a presença da violência no Plano Piloto, com a sua divisão em Asas Sul e Norte. Daí decorre a ressalva ora expressa: “Posição de destaque ocupa o Lago Sul (10ª Delegacia), com 43 mortes. Ali são registradas as ocorrências do Paranoá e da Agrovila São Sebastião”. Ou seja, os culpados foram “eles” (os do Paranoá e da Agrovila São Sebastião), desde que “nós” (os

do Lago Sul) nunca, ou quase nunca, o somos. Rendilhar o Lago Norte, em complemento, fica fácil como água corrente: “O local mais tranqüilo de Brasília é o Lago Norte, com 4 assassinatos durante 1995”. Isto é, um crime de morte a cada trimestre, e o título de reino asséptico e diferenciado da mansidão...

Já a Ceilândia não merece matizes, senão os agravantes, como a matéria permite entrever: “A cidade mais violenta do DF é a Ceilândia. As duas Delegacias de Polícia (15ª e 19ª) registraram 144 assassinatos”. A sutileza negativa é a de que, no Lago Sul, há uma delegacia, ou seja, metade das existentes na Ceilândia. Os registros de ocorrência ali procedidos vêm de fora, da periferia, ao passo que a Ceilândia, que é, segundo o discurso do estabelecimento, um dos longínquos contornos do centro, possui o dobro de delegacias do Lago Sul, tem o saldo máximo de homicídios e – eis aqui o ponto nodal da sensível questão – só pode ter (o que sub-repticiamente termina sugerido) em si mesma matéria humana distinta da existente no Lago Norte, bem como no Lago Sul, vítima, este, como pode ser decodificado, do indesejável acesso do Paranoá e da Agrovila São Sebastião.

Matéria humana é gente. E a gente termina por ser o pretexto para a demarcação “de quem presta” (“nós”) e “de quem não presta (“eles”)”. Trata-se de objetiva construção e reprodução dos preconceitos sociais, os quais funcionam contra as retratadas classes populares, que recepcionam, muito mais do que emitem, discursos ideológicos. Quando as classes médias e superiores são as autoras materiais de fatos injurídicos em sua tipicidade, muito embora haja definição legal do delito, o tratamento é lacônico ao extremo: “O álcool foi apontado como o principal causador dos atropelamentos. Dos 129 atropelamentos, 70 foram por bebida”. É a versão amoral de duas dramáticas violências: a) o atropelamento de pedestres indefesos e b) acrescido de circunstância de que os motoristas estavam bêbados. O carro é transformado em arma desgovernada por quem, alcoolizado, retira a vida de outrem.

Quem atravessava as avenidas e foi atropelado de maneira fatal? Os moradores do Plano Piloto e dos Lagos Sul e Norte? Ou os residentes da Ceilândia, da Samambaia e de São Sebastião? Das 728 mortes registradas no trânsito, 46,5% resultaram de atropelamentos, isto é, 384 vítimas, 289 homens e 95 mulheres,

com 22,7% dos casos fatídicos incidindo sobre a faixa etária de 21 a 30 anos. O bom senso recomenda considerar que não é privilégio de ninguém, em particular, morrer atropelado. Estabelecido este porém, é razoável a inferência de que a arma do crime – o automóvel – não é acessível, no geral, às classes populares, permitindo o juízo hipotético de que os pedestres mortos não são das classes médias e superiores, os quais, ou dirigem, ou são dirigidos, deslocando-se mais em automóveis particulares. Logo, o silogismo permite a conclusão de que, em sua maioria, as vítimas pertencem às classes populares e os autores materiais às classes médias e superiores. Como a pirâmide de Pareto, economista e sociólogo italiano, considerado um dos fundadores da moderna ciência econômica, está invertida, há apenas o registro a seco do fato, sem comentários e sem preconceitos. Como seria, se fossem os prósperos as vítimas e os deserdados os bêbados do volante?

Para o jornal, o resto é silêncio...

5. Conclusão

A gramática do noticiário é mais a da violência do que a das políticas públicas. Quando estas aparecem, e o fazem bastante, em grande número estão vinculadas a crises e a carências, dividindo espaço, de maneira quase equivalente, com as ambicionadas conquistas sociais. Já a conquista de direitos, de raríssima menção, dificilmente aparece como direito construído e platonista, advindo à superfície mais como direito postulado, ou, pelo menos, como aquele espaço normativo conquistado, que existe, entretanto, ameaçado de retrocesso, a exemplo da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. A sinuosidade da lógica ora exposta é, em si mesma, reveladora.

Maquiavel dizia que os preconceitos possuem raízes mais profundas do que a verdade. O noticiário jornalístico no Distrito Federal, examinado entre agosto e novembro do ano de 1995, não escapa da proposição do fundador da ciência política moderna. Longe, bem longe de ser apenas preconceito contra a criança e o adolescente, não deixa de formatar a ressonância dos segmentos sociais mais bem estabelecidos, com as suas idiossincrasias, os seus estigmas e os seus preconceitos, devolvendo ao conjunto da sociedade global uma perspectiva, senão tendenciosa, pelo menos nada imparcial,

do angustiante problema. A já mencionada lógica maniqueísta impera – a do “nós” contra “eles” – com o centro construindo, estabelecendo e legitimando a sua visão e a sua versão da periferia, e atribuindo aos que estão fora do círculo, ao que vem deles, os mais pobres, ou mesmo miseráveis, marginalizados e embrutecidos, a quase exclusiva responsabilidade pelo cotidiano desumano, e seus cometimentos, em que subvive, de maneira ameaçadora para os estratos sociais mais bem instalados na ordem necessitada de mudança e de justiça sociais.

Em alguma medida, o noticiário dos jornais sobre a criança e os adolescentes cumpre uma função pedagógica ao contrário. Não de todo, é uma escola que alimenta o senso comum, sem que deixe nunca de conceder certo espaço àquilo que responde aos autênticos interesses da criança e do adolescente, em ambigüidade que termina por ser, a despeito da aparente contradição, salutar. É este o espaço no qual as organizações governamentais, não-governamentais e paritárias precisam trabalhar, estabelecendo o processo de construção de sua política de comunicação social. Devem, pois, criar fatos e, através da pressão social difusa, do incessante esforço de negociação e dos mecanismos de concertação política, divulgar versões elucidativas e pedagógicas para a sociedade global, relativas à criança e ao adolescente, nos jornais correntes, multiplicando neles, tanto quanto possível, o espaço crítico e alternativo.

Não é utópico? Claro que sim. As utopias são forças moventes da vida. O desafio está em saber engendrar-las de forma competente, conduzindo-as, de vez a vez, ao limite administrado de sua viabilidade. Só a mudança do noticiário não basta. Há de ser mudada a realidade da criança e do adolescente. Essa transformação, porém, exige uma nova consciência, que o noticiário presente nos jornais, em Brasília e no Brasil, auxilia a embargar. O efeito suspensivo da questão resulta da exigência de que políticas de comunicação social alternativas sejam determinadas competentemente, não ao lado e em paralelismo, mas dentro da mídia estabelecida, tornando-a, tanto quanto possível, permeável à defesa dos direitos da criança e do adolescente, independente do lugar social em que estejam. Nascerem da vitória sobre o conformismo e a desesperança, o combate aos preconceitos e o serviço à verdade.